



Desenvolvimento para gestores inicia neste ano

Gestão Programa oferece atividades para servidores de diversos setores

O Programa de Desenvolvimento de Gestores, criado para gestores e dirigentes da administração central, unidades regionais e acadêmicas, é uma iniciativa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com a Pró-reitoria de Gestão com Pessoas (Progesp). As atividades com o primeiro grupo iniciaram em 26 de março deste ano e durarão cerca de um ano e seis meses. Para o segundo grupo, que engloba todos os gestores, as aulas começarão em maio, com duração de dois anos.

Segundo a Universidade, o objetivo do programa é capacitar os gestores da UFRGS em competências governamentais, institucionais e gerenciais prioritárias para o desempenho das atividades e demais responsabilidades inerentes à função que ocupam, para alcançar a excelência na gestão universitária. As atividades incluem palestras, mesas-redondas, minicursos e oficinas.

Além disso, a ação é uma das recomendações primordiais dos órgãos de controle (Tribunal de Contas da União e Controladoria Geral da União) e do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, e uma demanda permanente dos servidores da UFRGS.

Entre os assuntos abordados no correr do curso estão internacionalização, gestão do

conhecimento, inovação, transversalidade, inclusão, legislação de pessoal, sustentabilidade, ética, negociação, incentivo ao desenvolvimento, liderança, planejamento, tomada de decisão, comunicação.

As competências priorizadas tiveram como base resultados do

Censo de Desenvolvimento de Servidores, realizado em julho de 2017 com técnico-administrativos e docentes da Universidade. Segundo a diretora da Escola de Desenvolvimento de Servidores (Edufrgs), Cristina Diffini, a adesão foi de cerca de 50%, índice considerado bom. A partir das

respostas, foi criado um grupo de trabalho para estudar as necessidades de capacitação desse público, bem como das lacunas no desenvolvimento de competências importantes, conforme os organizadores. Uma segunda edição da pesquisa está sendo planejada para este ano.



RAMON MOSER/ARQUIVO SECOM - ABRIL 2014

FINANCIAMENTO

Aposta no longo prazo

Embora ofereça alguns dos melhores cursos do Brasil, a Escola de Engenharia (EE) da UFRGS ainda não está entre as que mais dispõem de recursos para inovação e pesquisa quando comparada a instituições estrangeiras. Isso foi o que motivou a idealização, iniciada em 2017, do Fundo Centenário, associação cujo objetivo é ser uma fonte de recursos perpétua, dedicada a apoiar projetos de ensino, pesquisa, extensão e inovação da EE. A iniciativa partiu de um grupo de alunos e ex-alunos, entre eles os estudantes de Engenharia de Produção Eduardo Prato, Francisco Simch e Vitorio Canozzi.

“Queremos fazer parte do processo de transformação da nossa cidade. Acreditamos que a engenharia é um dos motores de uma sociedade desenvolvida, e a inovação vem muitas vezes da Universidade. A UFRGS pode ser um dos principais motores de

inovação da nossa cidade, e pesquisas direcionadas podem gerar riqueza na nossa região, principalmente quando podemos alinhar interesses da academia com os do mercado”, analisa Eduardo.

O Fundo Centenário, associação sem fins lucrativos, é baseado no modelo de fundos patrimoniais ou *endowment funds* – termo comum nos Estados Unidos, onde a população tem a cultura de doar para museus, universidades e instituições de pesquisa – que preveem a captação de doações com o intuito de formar uma reserva e utilizar apenas os rendimentos reais para custear investimentos de longo prazo.

Para Francisco Simch, não existia até então um mecanismo eficiente, transparente e que passasse confiança aos doadores. “Durante dois anos nos reuníamos aos sábados de manhã para estruturar o projeto, buscar nosso propósito,

pensar em um modelo de governança que passasse seriedade, levantar nomes de ex-alunos notórios, preparar materiais de apresentação. Foram várias discussões saudáveis para que chegássemos aqui.” Ainda segundo ele, não havia um canal de conexão entre a Escola de Engenharia e ex-alunos que desejassem apoiar projetos. É importante salientar, contudo, que o Fundo Centenário não traz retornos imediatos, mas em cerca de uma década, segundo a perspectiva otimista dos idealizadores. “Daqui a dez anos veremos como valeu a pena ter saído da zona de conforto. Nesse período, imaginamos o fundo resgatando os ex-alunos para fomentar projetos de pesquisa, inovação e infraestrutura da Escola de Engenharia. Além disso, outro objetivo que temos com nosso projeto é o de influenciar outras universidades e ONGs do sul do país a criarem estruturas de financiamento por

meio de endowments, que possibilitam um planejamento de longo prazo e financiamento recorrente”, explica Francisco.

No Brasil, outras duas instituições aderiram ao mecanismo: Museu Judaico e Amigos da Poli-USP (Escola Politécnica da Universidade de São Paulo). Para Eduardo, que está finalizando o curso de Engenharia de Produção, após a tragédia do Museu Nacional, ficou evidente a necessidade de se encontrarem formas de sustentabilidade “eterna” na instituição de ensino, pois não seria mais possível pensar apenas no orçamento do momento presente, mas no longo prazo. “Além disso, precisamos tomar consciência de que se usufruímos cinco anos de educação gratuita e de qualidade, então temos que tentar retornar isso para a sociedade e para a universidade. É uma troca. É a doação que vai impactar em nossos netos e bisnetos”, finaliza.



UFRGS TV

CONHECENDO A UFRGS

A geografia da música platina

A região localizada próximo à Bacia do Rio da Prata, que reúne países como Argentina, Uruguai e Paraguai, e também o Rio Grande do Sul, possui uma vasta produção cultural e musical que transborda fronteiras. A música criada no pampa tem estéticas próprias que se relacionam e repercutem na identidade desse espaço.

Uma das áreas que estuda essas relações entre território e cultura é a Geografia da Música, que toma as produções musicais como objeto geográfico. Nesse contexto se encaixa a tese de doutorado de Lucas Manassi Panitz, Redes Musicais e [re]composições no Prata, trabalho vencedor do Prêmio CAPES de Teses 2018. “A música se organiza em um território: existe um conjunto de equipamentos culturais, como estúdios, casas de shows, lojas de discos, lugares que se articulam principalmente no espaço urbano. A forma como ela se organiza e como fala do espaço, através das canções, nos dá um material de análise para a geografia”, explica o pesquisador. Entre 2009 e 2016, o geógrafo acompanhou diversos músicos independentes de Argentina, Uruguai e Brasil, como Kevin Johansen, Vitor Ramil, Jorge Drexler e Ana Prada.

Na tese, Lucas argumenta que a música é responsável por recompor territorialmente a região. “É um momento em que determinados estratos da identificação platina no Rio Grande do Sul, que pareciam um pouco apagados, ressurgem a partir da própria identificação desses músicos com ritmos tipicamente platinos, como o Tango, a Milonga e o Chamamé”, expõe.

Vinicius Rodrigues Dutra,
estudante do 8.º semestre de
Jornalismo da UFRGS

Assista ao programa

O programa Pesquisa em Pauta vai ao ar no dia 25 de abril, às 23h, na UNITV, canal 15 da NET Poa, e também pode ser assistido ao vivo: unitv.tv.br